

**Da escola à feira e da feira à mesa: o ensino não formal e a alimentação saudável na
Educação Infantil**

**From school to fair and from fair to table: non-formal education and healthy eating in
early Childhood Education**

**De la escuela a la feria y de la feria a la mesa: educación no formal y alimentación
saludable en la Educación Infantil**

Recebido: 17/12/2020 | Revisado: 18/12/2020 | Aceito: 19/12/2020 | Publicado: 25/12/2020

Edith Gonçalves Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0724-3243>

Secretaria Municipal de Educação de Belém, Brasil

E-mail: costaedith15@gmail.com

Endell Menezes de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7799-7126>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: endell_menezes@yahoo.com.br

Ana Cristina Pimentel Carneiro de Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9432-2646>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: anacrispimentel@gmail.com

Resumo

O tema alimentação saudável tem se tornado expoente dentro do ensino escolar, porém pouco abordado no ensino de ciências e, em especial, na Educação Infantil. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar como a visita à feira, como um espaço de educação não formal não institucionalizado, pode contribuir para o fomento de uma alimentação saudável em crianças da Educação Infantil. A pesquisa tem abordagem qualitativa, do tipo intervenção pedagógica. Utilizou-se de três técnicas de constituição de informações: visita à feira, rodas de ciências e hora da alimentação. Para análise recorreu-se à Análise Textual Discursiva (ATD). Observou-se três categorias: mudanças de atitudes quanto às escolhas na alimentação; participação da comunidade escolar e exploração das qualidades sensoriais de frutas, legumes e verduras. Considera-se que a visita à feira possibilitou uma mudança de comportamento dos alunos em

relação à sua alimentação, a partir da articulação família-escola-feirante, contribuindo com um ensino de ciências contextualizado e mais próximo de sua realidade.

Palavras-chave: Ensino de ciências; Educação infantil; Espaços não formais; Alimentação saudável.

Abstract

The theme healthy eating has become an exponent within school education, however little addressed in science education and, in particular, in early Childhood Education. In this sense, the objective of this work was to analyze how the visit to the fair, as a non-institutionalized non-formal education space, can contribute to the promotion of a healthy diet for children in early Childhood Education. The research has a qualitative approach, pedagogical intervention. Three techniques of information constitution were used: visit to the fair; science wheels and feeding time. For analysis, Discursive Textual Analysis (DTA) was used. Observou-se três categorias: changes in attitudes regarding food choices; school community participation and exploration of sensory qualities of fruits and vegetables. It is considered that the visit to the fair enabled students to change their behavior in relation to their food, from the family-school-market trader, contributing to contextualized science education and closer to its reality.

Keywords: Science teaching; Child education; Non-formal spaces; Healthy eating.

Resumen

El tema alimentación saludable se ha convertido en un exponente dentro de la educación escolar, sin embargo poco abordado en la educación científica y, especialmente en la educación infantil. En ese sentido, el objetivo de este trabajo fue analizar cómo la visita a la feria, como espacio de educación no formal no institucionalizado, puede contribuir a la promoción de una alimentación saludable para los niños en la educación infantil. La investigación tiene un enfoque cualitativo, del tipo intervención pedagógica. Se utilizaron tres técnicas de constitución de información: visita a la feria, ruedas de ciencia y hora de comer. Para el análisis se utilizó Análisis Textual Discursivo (ATD). Se observaron tres categorías: cambios en las actitudes con respecto a la elección de alimentos, participación de la comunidad escolar y exploración de las cualidades sensoriales de las frutas y verduras. Se considera que la visita a la feria permitió un cambio en el comportamiento de los estudiantes en relación a su alimentación, con articulación familia-escuela-comercializador, contribuyendo a una enseñanza de la ciencia contextualizada y más cercana a su realidad.

Palabras clave: Enseñanza de la ciência; Educación infantil; Espacios no formales; Alimentación saludable.

1. Introdução

Cada vez mais as pessoas têm acesso a alimentos industrializados, carregados de sódio, conservantes, açúcares, gorduras trans e saturadas que trazem grandes malefícios à saúde; um acesso que tem chegado precocemente às crianças. Essa questão, eleva a importância de abordarmos essa temática com as crianças e suas famílias, para que sejam estimuladas a desenvolverem bons hábitos alimentares e optem por uma alimentação mais saudável.

Pesquisas em escolas de Educação Infantil têm apontado a necessidade de falar sobre essa temática com as crianças, e destacam que esse tema é pouco debatido. Segundo Witt (2013), o acesso facilitado aos alimentos pouco saudáveis associado a outras questões como restrições financeiras, consumo de alimentos considerados não saudáveis carregam significados prazerosos, geram impasses na alimentação das crianças e suas famílias, e apontam para a necessidade de buscarmos estratégias que abarquem os diferentes contextos de sociabilidade da criança e que visem incorporar práticas alimentares mais saudáveis e acessíveis à rotina das famílias.

Essas práticas, no entanto, não devem limitar-se a datas específicas, como acontecem em muitas escolas (Trevisan, 2017) e menos ainda elucidar um discurso de que a alimentação infantil adequada seria um dever da mãe e não um direito da criança (Dalmolin, 2017), mas, pelo contrário, ao reconhecê-la como um direito da criança, sua garantia deve ser buscada por todos.

É preciso lembrarmos, que, as escolas de Educação Infantil são espaços favoráveis para promover debates sobre alimentação saudável, pois alcançam muitas crianças, tornando-se fundamentais para amenizar os problemas relacionados à nutrição na atualidade (Oliveira, Costa & Rocha, 2017). Além disso, conforme refere Luliano (2008), é uma educação que está respaldada nas diretrizes e na legislação vigente e deve auxiliar os sujeitos na construção de hábitos alimentares em convergência com sua história de vida e realidades econômica, cultural e social.

Assim, atividades desenvolvidas nas escolas por meio de um trabalho educativo podem ampliar os conhecimentos das crianças sobre a alimentação, sendo um espaço que oferece condições únicas, que reúne indivíduos em seus primeiros estágios de formação com seus educadores (Oliveira, Costa & Rocha, 2017). Nesse sentido, a formação dos hábitos alimentares

deve ser fomentada já nos anos iniciais da escolarização das crianças, e por isso, torna-se imprescindível a introdução do tema neste período escolar, tendo em vista, a cristalização de comportamentos que levam para um demasiado consumo de doces e gorduras e o raro consumo de hortaliças, legumes e frutas (Costa et al., 2019).

É necessário, deste modo, ressaltarmos a importância do ensino de ciências na Educação Infantil, que traga temáticas contextualizadas para a vida das crianças, como as referentes à alimentação, pois é na Educação Infantil que as crianças devem começar a vivenciar o conhecimento científico. É um investimento que se faz na ampliação dos conhecimentos, da cultura e da possibilidade de participação efetiva na sociedade, numa orientação para a promoção da cidadania (Viecheneski & Carletto, 2013).

Tal importância se justifica ainda porque nesta etapa da educação a criança está em um processo de construção de si, adaptando-se ao ambiente, formulando ideias, visões de mundo (Fonseca, Fachín-Terán & Fonseca, 2019, p. 321) e fomentar um ensino que lhe proporcione essa exploração do meio em que vive, que instigue sua curiosidade, criatividade em muito contribuirá com sua formação.

Logo, compreendemos que falar de ensino de ciências na Educação Infantil, é centrar-se no processo de desenvolvimento da criança, priorizando suas habilidades como a observação, questionamento, negociação de ideias, experimentação, ou seja, oportunizar vivências em situações de aprendizagem que lhes permitam a exploração do mundo ao seu redor e o contato com o mundo científico (Rosa, Perez & Drum, 2007; Miranda, Pierson & Ruffino, 2005).

Deste modo, ao pensarmos em um ensino de ciências na Educação Infantil, podemos envolver as crianças em práticas que as levem a relacionar-se com o mundo, explorando os diferentes espaços que convivem e assim queiram conhecer mais. De acordo com Fonseca, Fachín-Terán e Fonseca (2019) esse querer conhecer mais, que por vezes se vê investigativo, questionador, contribui com o desenvolvimento do pensamento infantil, que se materializa em aprendizagens disseminadas no contexto social da criança, facilita a compreensão das relações existentes entre escola e comunidade e como já dissemos, ultrapassa a compreensão de conteúdos conceituais.

Refletir como esse ensino de ciências está sendo conduzido nas escolas de Educação Infantil é fundamental para que se alcance uma formação cidadã às crianças, permitindo-lhes desde a pequena infância, observar o mundo e ir construindo habilidades e atitudes que lhes permitam viver bem. A preocupação com a alimentação das crianças nas creches e pré-escolas é uma questão que deve ser refletida em ações adotadas para incentivar uma alimentação mais saudável.

Embora esse tema seja abordado em sala com as crianças, não estávamos vendo grandes mudanças em seus hábitos, tanto na escola quanto nos relatos de algumas famílias, no que se refere à alimentação delas fora do espaço escolar. Este fato indica que as práticas pedagógicas de sala de aula precisam ser repensadas, indo além dos discursos junto às crianças de que devem comer para crescer, de pintar as suas frutas preferidas, ou cantar músicas que as incentivem a comer.

Mesmo que as ações mencionadas contribuam com essa estimulação, é relevante que se vá além e se priorize situações que as envolvam juntamente com suas famílias, para que a escolha por uma alimentação mais saudável, faça parte de sua rotina. Assim, fomentaremos uma educação científica já na infância, que se volte à construção de conhecimentos e habilidades que lhes permitam tomar decisões sobre questões como a sua própria alimentação, iniciando uma compreensão de que optar por alimentos saudáveis é também uma escolha de qualidade de vida.

Na compreensão de que devemos buscar novas estratégias, que contribuam com o objetivo de garantir o direito das crianças à alimentação e ainda o de promover situações que as estimulem para uma alimentação saudável, é que pensamos em ir além das atividades já desenvolvidas no ambiente escolar e levar as crianças para um espaço em que frutas, legumes, verduras e outros alimentos estão presentes - a feira livre do bairro em que a escola se localiza.

Mesmo que muitas das crianças que frequentam a Unidade de Educação Infantil do bairro já costumem ir à feira na companhia de seus familiares, tendo em vista que a maioria mora em sua proximidade, levá-las nesse ambiente com um direcionamento adequado para observação do que uma feira nos oferece é uma possibilidade que se instaura na tentativa de fomentar a alimentação saudável das crianças na relação de ensino da família-escola-feirante. Surge assim o seguinte questionamento: De que forma a visita à feira pode contribuir para o fomento de uma alimentação saudável em crianças da Educação Infantil? Buscando compreender ainda: a) Como a interação entre família-escola-feirante favorece esse ensino de ciências? b) Como a atividade na feira livre favorece a exploração sensorial das frutas, legumes e verduras?

Assim, o objetivo da pesquisa é: Analisar como uma visita à feira livre pode contribuir para a compreensão de uma alimentação saudável e para o ensino de ciências de crianças da Educação Infantil.

2. Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa, pois permite em sua estruturação a “reflexão e análise da realidade” por meio das técnicas e métodos utilizados, levando à compreensão de forma detalhada do objeto de estudo, por meio de observação e descrição (Oliveira, 2014). Para Pereira A.S. et al. (2018, p. 67), “os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo”.

Corroborando com tal abordagem, o tipo de pesquisa é caracterizado como uma Intervenção Pedagógica (Damiane et al., 2013) que nos permite intervir na busca de soluções para problemas percebidos em nosso próprio contexto de prática, neste caso, referente à alimentação das crianças. É uma pesquisa aplicada, que na investigação e olhar sobre a própria prática, nos permite avaliar os avanços e aperfeiçoar, em termos de promoção de aprendizagem, as práticas pesquisadas (Damiane et al., 2013). São, portanto:

[...] investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) - destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam - e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (Damiane et al., 2013, p. 58).

Não se trata assim de um relato de experiência, mas uma pesquisa aplicada, que visa analisar como uma visita à feira livre, compreendida como um espaço de educação não formal, pode contribuir para a compreensão de uma alimentação saudável e para o ensino de ciências de crianças da Educação Infantil. Assim, esta pesquisa foi organizada da seguinte forma, conforme Quadro abaixo:

Quadro 1 - Componentes Metodológicos da Pesquisa.

MÉTODO DE INTERVENÇÃO: A feira livre como espaço de educação não formal	Organização	Visita prévia à feira; Busca de parcerias com os feirantes; Convite aos pais para participação da atividade e autorização de participação das crianças.
	Visita	Roda de conversas: apresentação da proposta; Visita à feira com as crianças; Roda de Conversa: diálogos sobre a visita
	Alimentação	Hora do lanche: melancia Almoço: couve, feijão, banana. Lanche: acerola
MÉTODO DE AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO	Técnicas de constituição de dados	observação participante, fotografias, áudios, diários de campo.
	Análise de dados	Análise Textual Discursiva

Fonte: Autores (2020).

Conforme observa-se no quadro acima, consideramos a feira livre como um espaço de educação não formal, e foi a partir de uma visita a este espaço que buscamos organizar o método de intervenção desta pesquisa. Antes de adentrarmos na descrição desses componentes metodológicos da pesquisa, consideramos relevante apresentar porque a feira livre pode ser considerada um desses espaços de educação e como fizemos a organização desta etapa da pesquisa.

2.1 Os espaços não formais como possibilidade do ensino de ciências para além da escola

O termo espaço não formal, é comumente utilizado por pesquisadores de educação e professores, que desenvolvem atividades de divulgação científica para contextualizar os lugares de conhecimentos que estão para além da escola, e onde têm-se a possibilidade do desenvolvimento de atividades educativas (Jacobucci, 2008). Logo, lugares que circundam a escola podem ser vistos como espaço educadores, como a própria cidade. Para Gadotti (2005), a cidade é um ambiente envolto de mistérios para as crianças e por isso deve ser apropriada pelas escolas.

Como frisam Fonseca, Fachín-Terán e Fonseca (2019), a vivência nesses espaços revela que as crianças passam a ter um melhor desempenho no processo de aprendizado, pois elas discutem e interligam suas experiências com os ensinamentos da escola. E estes locais estimulam a curiosidade dos alunos em relação aos ensinamentos da sala de aula, o que torna a aprendizagem mais significativa e prazerosa (Freitas & Freitas, 2015).

São espaços formativos e importantes para que as crianças manifestem seus sentimentos e opiniões de maneira livre, e assim, o professor pode aproveitar para problematizar o conhecimento do senso comum e o “conhecimento escolar” (Fonseca, Fachín-Terán & Fonseca, 2019). São espaços que possibilitam à criança a capacidade de “compreensão, de novas vivências para a construção de novos conceitos, aquisição de experiências, de descobertas e novos rumos a novas aprendizagens, assim como também de intervenção e transformação da sua realidade” (Chaves et al., 2016, p. 90).

Nesse sentido, os espaços não formais tornam-se uma alternativa para o ensino e aprendizagem das crianças, pois fazem parte do seu dia-a-dia, e permitem sua aproximação com diversos saberes, conferindo-lhes “sentidos, formulação de hipóteses e conhecimentos expoentes” (Fonseca, Fachín-Terán & Fonseca, 2019, p. 316). Por mais que sejam espaços externos ao ambiente escolar institucionalizado, vemos que são propícios para o ensino e podem ser (re)configurados pelo olhar do professor, para que permitam uma articulação das atividades e saberes desenvolvidos na escola com a sociedade, de modo contextualizado.

Portanto, os espaços não formais não são uma oposição à educação formal institucionalizada, mas se reconhece que esses ambientes podem potencializar e dialogar em benefício de todos, em especial, das crianças (Gadotti, 2005). Corroboramos com Freitas e Freitas (2015), na compreensão de que a utilização do espaço não formal, não trata de negar sua importância na construção formativa de pessoas, entretanto, se apresenta como potencializador de aprendizagem na educação em ciências.

Dentre esses espaços, as feiras livres constituem-se como ricos ambientes de ensino e aprendizagem de ciências. A feira, como espaço não formal, já foi utilizada em outras atividades educacionais no ensino de ciências, como na pesquisa de Freitas e Freitas (2015), que identificaram no Ver-o-Peso (grande feira de produtos regionais e um dos cartões portais de Belém do Pará) a “oportunidade de apreender os saberes difundidos neste espaço”. Em outro trabalho as autoras observam que o Ver-o-Peso é um espaço de “fala” e configura um local “dos modos de vida, da cultura, da história e das dinâmicas econômicas, logo adequado aos objetivos do ensino” (Lisboa, Freitas & Freitas, 2018, p. 04). Na pesquisa de Souza et al. (2018) o Ver-o-Peso mostrou-se adequado para aulas que possuem como objetivo a organização de

conteúdos científicos por meio de temas, a partir da aplicação de Ilhas Interdisciplinares de Racionalidade embasadas nas relações Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e como podem proporcionar a formação de cidadãos críticos, reflexivos, questionadores e entendedores das realidades regionais associados aos conhecimentos científicos.

Acreditamos nas potencialidades dos espaços não formais para o ensino de ciências na Educação Infantil, pois normalmente esses espaços são ricos em possibilidades de exploração pela criança, oportunizam o contato com objetos, animais e situações de aprendizagem que podem favorecer aprendizagens mais significativas em contexto real. Além disso, costumam ser espaços que agradam as crianças, que gostam de fazer passeios e explorar ambientes diversificados. É nesse sentido que esta pesquisa tem a feira livre do bairro como ambiente educativo, para falar de modo contextualizado, de uma alimentação saudável para as crianças. Passamos assim a apresentar como se deu esse método de intervenção.

2.2 Da escola à feira e da feira à mesa

Nas pesquisas de ensino que versam sobre alimentação na escola, em especial nos anos iniciais, não especificam os procedimentos metodológicos utilizados e não evidenciam de forma abrangente os referenciais teóricos que circunscrevem os trabalhos. Por isso, Kops, Zys e Ramos (2013), esclarecem que devem-se detalhar as estratégias utilizadas na busca de contribuir para outras pesquisas de educação alimentar. Este tópico retrata os momentos realizados durante o estudo.

As vivências desta pesquisa ocorreram no segundo semestre de 2019, em uma Unidade de Educação Infantil do município de Belém, com crianças da turma Maternal II, que tem idade entre dois e três anos. As atividades foram pensadas de modo a envolver as famílias nas situações de aprendizagem com o intuito de também sensibilizá-los sobre a importância de uma alimentação saudável.

Deste modo, procedemos organizando a atividade em três momentos: organização da visita e conversa com os pais, visita à feira e a hora da alimentação.

De acordo com Jacobucci (2008) para poder desenvolver atividades em espaços não formais não institucionalizados, como as feiras, é necessário que o professor conheça previamente esse local, pois diferente dos espaços institucionais não há guias, nem placas explicativas que guiem a visita.

Atendendo a essas recomendações bem como ao nosso planejamento, procedemos do seguinte modo: no primeiro momento, no dia que antecedeu a visita fomos à feira para fazermos

um reconhecimento do local e conversar com alguns feirantes sobre a proposta de levar as crianças à feira. Percebemos que esse momento foi importante para definirmos os espaços a serem visitados, o que nos levou a optar em ir apenas às barracas de frutas, legumes e verduras, pois os demais setores que vendiam alimentos como carnes e peixes estavam com o piso molhado, o que poderia apresentar riscos de quedas às crianças. Neste momento, também pudemos definir o horário para a visita em comum acordo com alguns feirantes e optamos em ir às 8h, horário de pouco movimento na feira. Fizemos parcerias com alguns feirantes no sentido de apresentarem para as crianças o que vendiam em suas barracas.

A conversa com os pais se deu no momento da saída das crianças da escola. Como normalmente os pais vão à porta da sala buscar seus filhos, conversamos individualmente com o responsável de cada uma, explicando o objetivo da atividade e convidando-os para participarem da visita. Os pais assinaram a autorização para a saída das crianças do espaço escolar e alguns confirmaram presença na atividade, mostrando-se motivados para a mesma.

No segundo momento, contamos com um número expressivo de familiares, das 16 crianças presentes neste dia, 12 foram acompanhadas de um responsável. Em sala conversamos sobre a importância de uma alimentação saudável, em que as crianças comam mais frutas, verduras e legumes, relatando que nem sempre observamos as crianças aceitarem certos alimentos e que a visita à feira se constituiu como uma proposta para incentivar tal alimentação. Alguns pais logo concordaram dizendo que têm dificuldades em casa também, principalmente para as crianças comerem legumes e verduras como beterraba, chuchu, alface, mas também apresentaram relatos muito positivos principalmente em relação às frutas, dizendo que destas, as crianças gostam mais. Explicamos então como se daria a visita e os pais mostraram-se motivados para participar, alguns relataram que dificilmente levam seus filhos à feira, pois “é muito corrido o dia” ou então porque elas estão na creche quando eles vão às compras.

Falando com as crianças perguntamos se já tinham ido à feira e algumas disseram que sim, continuamos instigando-as para saber quem já tinha ido e o que podemos encontrar na feira e algumas crianças foram respondendo o que já tinham visto como banana e maçã. Entendemos que incentivar o diálogo nas aulas de ciências é muito importante para que estimulemos as crianças a pensarem criticamente, a expressarem suas opiniões e assim o querer aprender mais.

Seguimos explicando que iríamos à feira para ver o que tem nela, ressaltamos que como é um local em que podemos fazer compras levaríamos R\$ 20,00 e não poderíamos gastar mais do que o valor estipulado. As crianças ficaram muito animadas com a ideia e os pais mostravam-se admirados com suas reações em ir à feira.

Na feira os feirantes nos receberam muito bem. Organizamos esse momento de modo a pararmos em duas barracas, uma de verduras e legumes e outra apenas de frutas.

Nossa primeira parada foi numa barraca de legumes e verduras e seu proprietário foi muito atencioso com as crianças mostrando a elas o que vendia e elas atenciosamente olhavam, e falavam sobre o que gostavam. Perguntando se sabiam o nome da couve, o silêncio veio como resposta e logo percebemos que as crianças não conheciam aquela verdura que diariamente está em seu prato na escola. Reforçamos então que era couve, alguns pais também reforçaram buscando lembranças de momentos da alimentação dos filhos em casa com tal verdura. Pedimos às crianças que repetissem o nome e perguntamos se achavam uma boa ideia comprar um maço de couve, ao que concordaram. E assim, continuamos contando com a participação do feirante responsável pela barraca, que ia mostrando algumas verduras para as crianças, perguntando se conheciam, ensinando o seu nome e oferecendo para compra. Desta barraca levamos couve, feijão verde e maxixe. Dentre as verduras e legumes apresentados as crianças conheciam a alface, o tomate e a cebola.

Seguimos para a seção das frutas, a preferida das crianças. Nesse momento, todas queriam falar e mostrar que sabiam o nome das frutas e que as comiam. Conforme íamos mostrando algumas frutas, como melancia, banana, uva, maçã, elas iam falando os nomes, exceto as de algumas como a pitaya que talvez não seja tão comum no seu dia a dia, mas as crianças gostaram de conhecer e acharam bonita. O abacaxi também chamou bastante atenção e algumas crianças queriam pegá-lo. Das barracas de frutas compramos melancia, banana e acerola e assim concluímos nossa ida à feira trazendo algumas sacolas com verduras, legumes e frutas e um sorriso no rosto das crianças.

Na escola nos reunimos em uma grande roda de conversas no barracão (ambiente livre de móveis e cercado com madeira) envoltos por muita fala porque as crianças queriam contar o que tinham visto e todas queriam falar ao mesmo tempo. Instigados por nós, alguns pais manifestaram sua opinião sobre a visita à feira, demonstrando contentamento com a aula fora da sala, como alguns denominaram. Quanto às falas das crianças, foram ressaltando o que tinham visto, falando principalmente das frutas. Percebemos que estavam muito felizes, um tanto agitadas também e a todo momento que falavam os pais olhavam admirados, riam e faziam comentários entre si. Depois desse momento as crianças voltaram para a sala e os pais foram dispensados.

O terceiro momento objetivou inserir os alimentos comprados na feira nas refeições das crianças. Assim, na mesa do café da manhã levamos as frutas e verduras compradas e conversamos novamente com as crianças sobre cada uma e as crianças as manusearam, ficaram

curiosas em descobrir o que tinha dentro do feijão verde e logo queriam ver a melancia sendo cortada. Percebemos que a couve que outrora era desconhecida já era uma palavra comum na fala das crianças, que a identificaram prontamente. Como a escola funciona em período integral, de 7h30 às 17h30 as crianças fazem ao longo do dia quatro refeições. Assim, optamos por oferecer em cada uma delas um alimento que havíamos comprado na feira.

No café da manhã, após comerem o lanche da escola, oferecemos a melancia, cortando-a ali mesmo, junto às crianças que ficaram curiosas olhando. Servimos para cada uma um pedaço e todas comeram muito bem, tendo o cuidado em tirar as sementes conforme orientações dadas por nós.

A couve e o feijão verde foram levados pelas próprias crianças à cozinha, para que a cozinheira colocasse na nossa sopa, o que fez com que eles passassem a manhã toda falando que iriam comer sopa com couve, o que realmente aconteceu. Na hora do almoço pedimos para a cozinheira que servisse separado a couve e o feijão verde e assim fomos mostrando essas verduras para as crianças e perguntando quem queria experimentar, lembrando que estas eram as verduras que havíamos comprado na feira. A maioria das crianças comeu a couve, observamos que já incorporavam outras palavras ao seu vocabulário, como nas falas de Pinóquio, que pedia “professora, eu quero mais verdura”. Observamos que as crianças se alimentaram muito bem nesse dia, a ida a feira foi muito motivadora a todas.

2.3 Técnicas de constituição e análise de dados

Como técnicas de constituição de dados utilizamos a observação participante, que de acordo com Bogdan e Biklen (2010) permite, ao pesquisador, introduzir-se no mundo dos sujeitos, conhecendo-os melhor e deixando conhecer-se por eles, e tendo a possibilidade de participar das atividades propostas no próprio contexto de pesquisa.

Além da observação participante, utilizamos como técnicas os registros fotográficos, gravações em áudios e diários de campo.

Para análise e interpretação dos dados recorreu-se a Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2011), pois permite a partir de um processo auto-organizado a compreensão do fenômeno tendo base em uma sequência recursiva, com um caminho emergente e com base no poder criativo de sistemas complexos e caóticos.

A fim de resguardar o anonimato das crianças a elas foram dados nomes de personagens da literatura infantil como Emília, Sabugosa e Pedrinho.

3. Resultados e Discussões

As situações de aprendizagem vivenciadas na feira do bairro oportunizaram às crianças valiosas experiências em ambiente de educação não formal. A partir da Análise Textual Discursiva realizada com essas vivências, percebemos a emergência das seguintes categorias: a) mudança de atitudes quanto às escolhas na alimentação; b) participação da comunidade escolar; c) exploração das qualidades sensoriais de frutas, verduras e legumes.

Quanto à mudança de atitudes nas escolhas na alimentação, percebemos que as crianças manifestaram interesse em experimentar um alimento que não conheciam, como evidenciado na fala da Emília ao pedir “*um pouco de massissi*” (*sic.*), alimento que segundo sua mãe ela não conhecia.

Tais escolhas, também são evidenciadas quando as crianças criam expectativas sobre a sopa com couve que seria servida no almoço, “*vai ficar uma delícia, né professora?*” diz Emília; e quando Sabugosa diz não querer a verdura, pois prefere o feijão, também já se evidencia uma preferência por um alimento que outrora a criança não aceitava. São resultados que nos permitem corroborar com Fernandes et al. (2009) compreendendo que mesmo em um curto período, é possível observar alterações positivas nas escolhas alimentares das crianças.

Evidenciamos que ir à feira motivou as crianças em escolhas mais saudáveis, pois elas aceitaram muito bem o cardápio que foi oferecido, diferente de outros momentos em que esse mesmo prato era dispensado pela maioria das crianças, tão logo chegava à mesa. A fala de alguns alunos ao dizerem que queriam mais verduras nos permitiu constatar que conhecendo melhor esses alimentos a preferência por eles, também aumentava.

Consideramos que ao comprarmos a couve na feira, mostrarmos às crianças e servi-la de um modo diferenciado, chamou a atenção visual para um alimento não tão percebido do modo como servido diariamente, isso pode ser considerado como uma técnica gastronômica que, segundo Santos et al. (2017) pode ser uma alternativa para melhorar a aceitação da alimentação escolar, especialmente na fase pré-escolar.

Normalmente, as crianças não gostam de comer legumes como cenoura, cebola e tomate, separando tudo no prato, mas observamos que ao recordarem do que tinham visto na feira e expressarem-se sobre isso, comiam em seguida. Isso mostra, o quanto um trabalho deste tipo pode ampliar o conhecimento das crianças com a sua alimentação, o que corrobora com o que Neto et al. (2014) coloca, ao dizer que práticas como essas possibilitam escolhas mais saudáveis de alimentos, valorizando o cardápio proposto pelas escolas para a merenda escolar e conseqüentemente a diminuição do desperdício.

Outra questão importante a destacar é que conversar com as crianças sobre os alimentos que comem é uma atitude primordial para uma boa alimentação e para que suas escolhas se voltem para o mais saudável. Isso porque elas gostam de saber para que servem os alimentos e os professores podem se valer dessa curiosidade para fomentar novos conhecimentos. Observemos o seguinte diálogo que ocorreu durante o almoço das crianças:

Pinóquio: Eu quero mais couve.

Professora: Muito bem, você vai crescer e ficar saudável

Aladim: vai ser o Huck

Professora: Por que Aladim? (risos)

Nicolas: o Huck é forte assim olha, olha como eu sou forte.

Professora: Isso, vamos comer a couve, ela tem vitaminas, vamos ficar fortes, igual ao Huck.

Nesse pequeno diálogo já podemos observar a presença de palavras como “vitaminas” e “saudável” que estão relacionadas a coisas boas para as crianças – ficar forte igual ao Huck. Comparar-se a um personagem que lhes agrada as motiva a ser forte como ele. E a professora pode também valer-se disso para que as crianças optem por uma alimentação mais saudável.

Envolver-se no diálogo junto às crianças com questões que são de seu interesse, como a ida à feira com seus familiares, a manipulação manual dos alimentos e a relação de uma boa alimentação é também fomentar essa educação científica para a infância. De acordo com Lacerda Júnior (2018, p. 57) “o entendimento e qualquer perspectiva que se teça acerca das crianças devem ser compreendidos a partir de seu campo, do seu universo, do seu tempo, de suas atuações sociais”. Envolvê-las em diálogos e situações de seu interesse é sem dúvida uma atitude mais promissora para um ensino de ciências significativo na primeira infância.

Outro exemplo no qual percebemos a importância de apresentarmos os alimentos comprados na feira pelas crianças pode ser dado quando fomos ver nossas compras. Como neste momento apresentamos individualmente os alimentos, as crianças puderam conhecer melhor as características de alguns deles, a partir de sua manipulação, o que pode ser evidenciado nas falas de algumas delas:

Professora: como é a melancia?

Olaf: ela é grande

Emília: Ela é verde. É do show da Luna

Professora: Isso mesmo, como é a música da Luna? Vocês lembram? “verde por fora, vermelho por dentro, é a melancia...” cantamos.

Professora: E isso aqui, pretinho, o que é?

Aladin: Caroço

Professora: Isso, é a semente da melancia, peguem.

Percebemos a importância de promover uma educação contextualizada para as crianças, que vá além de pintar a melancia numa folha de papel, ou desenhar suas sementes. Manuseando o fruto, explorando suas características, experimentando-o, as possibilidades de aprendizagem são muito maiores e permitem uma aproximação com o saber científico também maior, pois conforme refere Marques (2015) a instituição de Educação Infantil deve ser um espaço que promova o acesso a novas experiências, o refinamento da observação, bem como a sistematização de conhecimentos, que conforme podemos observar podem ser muito bem fomentados com atividades práticas como a ida à feira e exploração sensorial de alimentos.

Quanto à segunda categoria da pesquisa observou-se a participação da comunidade escolar, aqui marcada pela importante colaboração dos familiares, feirantes e funcionários da escola. Reafirmou-se o que Oliveira, Costa e Rocha (2017) colocam:

[...] que a comunidade escolar tem grande interesse na realização de práticas educativas que proporcionam o envolvimento dos alunos. De maneira geral favorecem e proporcionam um ambiente agradável para a realização das atividades (Oliveira, Costa & Rocha, 2017, p. 113).

Foi o que percebemos nesta visita à feira já no momento prévio, que nos permitiu o estabelecimento de parcerias com os feirantes e a delimitação de espaços para melhor conduzir tal vivência em ambiente não formal de aprendizagem, ou seja, desde esse momento foram sendo estabelecidos construções coletivas de conhecimentos (Luliano, 2008) evidenciados nesse planejamento prévio.

Durante esta aula em ambiente não-formal as crianças tinham mais de um professor. A parceria previamente conquistada com os feirantes e o envolvimento mútuo na atividade transformaram o dono de uma das barracas em um “professor dedicado a seus alunos”, que ali procurava explicar às crianças o que tinha em suas mãos.

Feirante: Olhem isso crianças, vocês sabem o que é isso aqui? Quem é que sabe?

Emília: eu não sei.

Pinóquio: é verde

Feirante: é sim, isso é feijão verde. É gostoso, pode colocar na sopa da escola.

Do mesmo modo, a participação dos familiares foi muito marcante, um número expressivo participou de modo que não foi apenas com sua presença física, eles conversavam com as crianças, buscavam lhes dar explicações sobre o que viam na feira, mostrando-lhes as frutas, verduras e legumes.

Um dos alimentos que as crianças não conheciam quando mostramos era o jambú, mesmo estando presente em vários pratos da culinária paraense, provavelmente era desconhecido da forma como foi apresentado. Quando começamos a relacioná-lo às comidas típicas de nossa região, que normalmente tem o jambú como ingrediente no preparo de alimentos como o tacacá, vatapá, pato no tucupi, os pais das crianças envolveram-se ainda mais, evidenciando que usavam o jambú no preparo de algumas comidas. “Eu uso no frango no tucupi e coloco jambú pra temperar, fica gostoso, mas a Emília nem olha. Tá vendo o que é Emília, é gostoso né professora?” (sic.) (mãe da Emília).

A mãe de Emília também procura fomentar na filha o gosto por outros alimentos que encontram na feira, o que evidencia a importância de realizar a atividade nesse ambiente junto com as famílias.

Da feira à mesa contamos também com a colaboração das cozinheiras da escola, que receberam das mãos das crianças os legumes e verduras comprados na feira e prepararam junto à refeição fornecida pela escola. Isso foi importante para que as crianças pudessem acompanhar o processo de produção de suas refeições, que repercutiu também no interesse em experimentar o alimento que foi comprado e levado à cozinha por elas.

O papel desempenhado pelos feirantes e pelos familiares durante a visita foi fundamental para que todas as crianças pudessem conhecer mais frutas, verduras e legumes. As práticas que ali se estabeleceram foram de parceria mostrando a importância da integração de toda comunidade escolar e da família nessas visitas e vivências em espaços de educação não formal o que é ressaltado por Fernandes et al. (2009), que diz ainda que práticas como essas contribuem com a formação de hábitos de vida mais saudáveis, prevenindo assim o aumento da prevalência da obesidade bem como de outras consequências que uma alimentação não saudável pode trazer.

Além de participarem e muito contribuírem, os pais deixaram evidente seu contentamento com a visita, o que pode ser observado na fala de algumas mães.

Eu acho importante isso, ir à feira com elas, mostrar a fruta mesmo pra elas verem, é melhor do que mostrar a fruta no papel, né? A minha filha gosta de comer fruta o que ela não gosta mesmo é de folha, não tem quem faça ela comer, mas pelo menos ela gosta de fruta, né? (sic.) (mãe de Maury).

Eu gostei muito porque os meninos lá da feira receberam bem elas, todo mundo ficava olhando e as crianças foram bem tratadas, parecia uma aula mesmo (sic.) (mãe da Emília).

Assim, vemos a importância da família participar desses momentos junto à criança, pois a escolha dos alimentos não é algo que se define somente como escolha sua, ela faz parte de uma sistema comportamental complexo em que os pais e as práticas éticas de seu grupo têm influência sobre essas escolhas (Assis & Nahas, 1999, p. 36), o que corrobora com Fernandes et al. (2009, p. 316), que “na infância, além de a criança exercer pouco controle sobre a disponibilidade domiciliar de alimentos, ela pode sofrer influência do hábito alimentar e de atividade física dos pais e familiares”.

Como terceira categoria da pesquisa, revelou-se a exploração das qualidades sensoriais das frutas, verduras e legumes, que mostrou que tanto a visita à feira quanto o que trouxemos dela à nossa mesa, compartilhados na roda de ciências e na hora das refeições, oportunizaram ricas experiências às crianças de exploração desses alimentos. De acordo com Assis e Nahas (1999) as qualidades sensoriais como sabor, cheiro, textura e aparência constituem-se como fortes determinantes para o comportamento alimentar e nessas situações de aprendizagem ficaram evidentes na exploração das crianças sobre esses alimentos, em que experimentaram texturas, cheiros e sabores.

As frutas que mais conheciam como banana, maçã, uva e abacaxi eram logo identificadas por elas, mas por outro lado, frutas como pitaya e legumes como feijão verde e maxixe despertaram sua curiosidade em conhecer o novo e explorar esses alimentos, o que fez Emília, que assim que viu a pitaya queria tocá-la e abri-la.

Essa exploração das características físicas das frutas também foi muito evidente nas rodas de ciências quando apresentamos as frutas às crianças.

Nesses momentos as crianças apresentavam suas opiniões sobre cores das frutas, características e sentiam-se curiosas para prová-las, cheirá-las e principalmente tocá-las, explorando sua curiosidade quanto à sua exploração. Para Santos et al. (2017), explorar técnicas gastronômicas na fase da Educação Infantil é muito promissor para a fomentação da alimentação escolar, pois nessa fase da educação as “crianças têm a necessidade de tocar a comida, sentir as formas, texturas e aromas, além de poderem descobrir as diferentes cores dos alimentos” (Santos et al., 2017, p. 229).

Tais experiências também foram percebidas com o Pedrinho, quando apresentamos o maxixe e disse que era limão, talvez tivesse encontrado semelhança por conta da cor e formato, então levamos o maxixe até ele, que disse: “ele fura” (sic.).

Concordamos assim com Fonseca, Fachín-Terán e Fonseca (2009, p. 321) de que “desenvolver com as crianças atividades que despertem a oportunidade de expressar seu pensamento sobre o mundo e sobre ciência é uma forma de valorização, visto que ela é um ser

que constrói seu próprio conhecimento”. Nessa construção ela participa do processo criativo, em que sua curiosidade e seu querer conhecer mais se entrelaça com as diferentes situações de interação com o meio.

Ressalta-se assim a importância de promover a aprendizagem em ensino de ciências também através da experiência sensível, pois conforme Santos e Bergold (2018, p. 88) “a fragmentação entre o racional e o sensível exclui a imaginação dos limites da experiência, ocasionando um empobrecimento das formas de se chegar ao conhecimento”.

De um modo geral percebemos que levar as crianças à feira e buscar parcerias com feirantes, familiares e funcionários da escola foi importante para que pudéssemos falar sobre alimentação saudável com as crianças e promover um ensino de ciências coerente com esta fase da educação. De acordo com Marques (2015, p. 03), na Educação Infantil “os conhecimentos dos campos científicos devem estar presentes nas experiências de aprendizagem construídas em parceria com as crianças, de maneira integrada, interdisciplinar e participativa” e isso foi o que buscamos e podemos dizer que conquistamos com a experiência que nos levou da escola à feira e da feira à mesa para falarmos sobre alimentação saudável com as crianças.

4. Considerações Finais

Os espaços não formais têm se cristalizado como área de pesquisa na educação e no ensino de ciências, pois possibilitam uma articulação com os conhecimentos escolares e os conhecimentos da tradição. São potencializadores das atividades desenvolvidas na escola, seja em espaços institucionalizados como os museus, centros de ciências, parques zoológicos, dentre outros, ou não institucionalizados como praças e feiras. Nestes últimos, observa-se um desafio maior na articulação com os conhecimentos escolares, pois requer uma habilidade do professor de “pedagogizar” os espaços e pensar um ensino contextualizado com a realidade dos alunos.

O tema que norteia a pesquisa, alimentação saudável desponta em pesquisas nas áreas da saúde como nutrição e enfermagem, e como a temática pode ser deslocada ao espaço formal de ensino. Porém, ainda se mantém rarefeito os trabalhos que dialogam com o tema no ensino de ciências e com os professores das áreas (ou os responsáveis por ela na escola), em especial na Educação Infantil, que mesmo vivenciando esta realidade não atentam como potencial prática pedagógica e formativa.

Certamente esta não é a primeira vez que uma turma é levada à feira, mas a forma como se conduziu a experiência e trabalhou-se os conhecimentos neste nível de ensino, é que foi o diferencial deste momento.

A pesquisa mostrou que o ensino de ciências sob a diversidade de ambientes e de atores envolvidos nas situações de aprendizagem, fortalecem as relações da comunidade escolar, representadas no trabalho na inter-relação família-escola-feirante. Trata-se ainda, de uma área em exploração, mas que já demonstra excelentes perspectivas para pensar o envolvimento da comunidade nas atividades de ensino de ciências, em espaços para além da sala de aula e com temas que transpassam o cotidiano de todos, em especial das crianças.

Observou-se, mesmo que com o curto período, a mudança de atitude das crianças frente aos alimentos disponibilizados no terceiro momento da atividade, o que proporcionou o aumento de vocabulário, o instinto pesquisador e criativo, visto que a metodologia utilizada permitiu uma aproximação sensível e prática para com as crianças.

A pesquisa abre possibilidades de futuras investigações que pensem na articulação da comunidade no ensino de ciências, na variação de espaços de educação e com os temas que perpassam o dia a dia de todos. Nesta, vimos o grande diferencial na participação dos pais, dos feirantes e dos demais membros da comunidade escolar.

Referências

Assis, M. A. A., & Nahas, M. V. (1999) Aspectos motivacionais em programas de mudança de comportamento alimentar. *Rev. Nutr.* Campinas, 12(1). Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v12n1/v12n1a03.pdf>."

Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (2010). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora,

Chaves, R. C. C., Vale, A. C. O. M., Magalhães, A. P. C., Rizatti, I. M., Oliveira, M. J. S., & Souza, M. R. S. (2016). Educação infantil e os espaços não formais: uma perspectiva de aprendizagem no Parque Municipal Germano Augusto Sampaio em Boa Vista/RR. *Areté – Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, Manaus, 9(20), 89-97, número especial. Recuperado de: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/250>.

Costa, L. P., Melo, L. G. N. S., Dantas, R. F., & Bezerra, M. S. (2019). A escola como locus privilegiado para ações de educação alimentar e nutricional: um relato de experiência. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, 9 (02). Recuperado de <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/6159/5613>.

Dalmolin, T. A. (2017). *Alimentação adequada e a declaração dos direitos humanos da criança: os manuais de puericultura – Brasil –*. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Políticas Públicas). Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Damiani, M. F. et al. (2013). *Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica*. Cadernos de Educação, Pelotas, Pelotas, 45, 57 – 67. Recuperado de: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822>.

Fonseca, A. P. M., Fachín-Terán., & Fonseca, M. M. (2019). Compreensões sobre ciência de crianças ribeirinhas amazônicas. *Revista REAMEC*, Cuiabá – MT, 7 (1). Recuperado de: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/7834/pdf>.

Fernandes, P. S., Bernado, C. O., Campos, R. M. M. B., & Vasconcelos, F. A. G (2009). Avaliação do efeito da educação nutricional na prevalência de sobrepeso/obesidade e no consumo alimentar de escolares do ensino fundamental. *Jornal de Pediatria*, 85 (4). Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v85n4/v85n4a08.pdf>.

Freitas, N. M. S., & Freitas, N. M. S. (2015). Educação em espaços não formais: a produção de roteiro científico para o mercado do Ver-o-Peso. In.: *Areté – Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, Manaus, 8 (17), 95-106, 2015. Recuperado de: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/182>.

Gadotti, M. (2005). A questão da educação formal/ não formal. (2005). *Sion (Suisse)*. Recuperada de: http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf.

Jacobucci, D. F. C. (2008). Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. *Em Extensão*, Uberlândia, 7. Recuperado de: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390/10860>.

Kops, N. L., Zys, J., & Ramos, M. (2013). Educação alimentar e nutricional da teoria à prática: um relato de experiência. *Revista Ciência & Saúde*, Porto Alegre, 6 (2). Recuperado de: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faenfi/article/view/13817/9715>.

Lacerda Júnior, J. C. (2018). *As imagens de ciências na cultura infantil*. Appris.

Lisboa, G. T. C., Freitas, N, M, S., & Freitas, N, M, S. (2018). Experiências de elaboração de um guia didático para a feira do Ver-o-Peso. *Areté – Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, Manaus, 11 (23). Retirado de: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/870>.

Luliano, B. A. (2008) *Atividades para a promoção de alimentação saudável em escolas de ensino fundamental do município de Guarulhos – SP*. (2008). Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo: Faculdade de Saúde Pública.

Marques, A. (2015) Ciências na Educação Infantil: uma reflexão a partir do trabalho com projetos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, IX, Águas de Lindóia. *Anais [...]*. Águas de Lindóia, SP. Recuperado de: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/x-enpec/anais2015/resumos/R0114-1.PDF>.

Miranda, C. R., Pierson, A. H., & Ruffino, S. F. (2005). Se não vamos “ensinar ciências” por que querer levá-la para a educação infantil? In: *Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC*.

Moraes, R., Galiuzzi, M. C. (2011). Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: MORAES, R. *Análise Textual Discursiva*. 2. ed. Ijuí. Ed. Unijúí.

Neto, V. L. S., Costa, M. A. D. J., Ssilca, R. A. R., & Santos, N. C. C. B. (2014). Ações lúdicas como ferramenta para a prevenção da obesidade do pré-escolar: relato de experiência. *Rev Enferm UFSM*, 4 (4). Recuperado de: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/11338>.

Oliveira, J. C., Costa, S. D., & Rocha, S. M. B. (2017). Educação nutricional com atividade lúdica para escolares da rede municipal de ensino de Curitiba. *Cadernos da Escola de Saúde*, 2 (6). Recuperado de: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernossaude/article/view/2333>.

Oliveira, M. M. (2014). *Como fazer pesquisa qualitativa*, (6a ed.), Petrópolis, RJ: Vozes,

Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Recuperado de: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Rosa, C. W., Perez, C. A. S., & Drum, C. (2007). Ensino de física nas séries iniciais: concepções da prática docente. *Investigações em Ensino de Ciências*, 12 (3), 357-368. Recuperado de: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/465/269>.

Santos, A. P. M., & Bergold, L. B. (2018). Oficinas musicais: a utilização do lúdico e da música para Educação Alimentar e Nutricional com escolares. *Revista da Associação Brasileira de Nutrição*, São Paulo, 9(2). Recuperado de: <https://www.rasbran.com.br/rasbran/article/view/855>.

Santos, V. S., Silva, D. E., Almeida, M. E. F., & Abranches, M. V. (2017). Uso de técnicas gastronômicas: uma estratégia para melhorar a aceitabilidade da alimentação de pré-escolares do interior de Minas Gerais. *Journal of Health & Biological Sciences*, 5(3). Recuperado de: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1210>.

Souza, J. R. T., Valente, J. A. S., Almeida, A. C. P. C., & Brito, L. P. (2018). Ilha Interdisciplinar de Racionalidade: o potencial do complexo do Ver-o-Peso como contexto para aprendizagem de Ciências Naturais. In: Editora Poisson (Org.). *Educação no Século XXI*. vol. 1, Belo Horizonte – MG: Poisson. Recuperado de: <https://poisson.com.br/2018/produto/educacao-no-seculo-xxi-volume-1-2/>.

Trevisan, C. L. (2017). *Práticas e conhecimentos dos educadores infantis sobre alimentação complementar nos Centros Municipais de Educação Infantil de Foz do Iguaçu/PR*. 87 f. Dissertação Mestrado em Ensino) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu. Recuperado em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2989>.

Viecheneski, J. P., & Carletto, M. (2013). Por que e para quê ensinar ciências para crianças. *Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Tecnologia*, 6 (2), mai./ago. Recuperado de: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/1638>.

Witt, C. L. (2013). *Alimentação Saudável na infância: as representações sociais de pais e/ou responsáveis e de escolares do primeiro ano do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo. Recuperado de: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4420>.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Edith Gonçalves Costa – 35%

Endell Menezes de Oliveira – 35%

Ana Cristina Pimentel Carneiro de Almeida – 30%